

ENSINO DA FILOSOFIA: UM EXERCÍCIO ANTROPOFÁGICO

Thor João de Sousa Veras
Filosofia/UFSC

Esta apresentação é resultado de um ensaio/anseio de se pensar a possibilidade pedagógica da filosofia no ensino médio e o sentido que a minha vivência numa sala de aula me provocou a pensar com olhos livres as infinitas potencialidades dessa experiência educativa nos trópicos. Reuní nessa bricolage de reflexões algumas incursões conceituais em busca do sentido do ensino da filosofia oriundos da minha prática como observador e docente no terceiro ano "A" do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, sob supervisão dos professores Sandro Rosa e Daiane Martins, para a disciplina de estágio obrigatório supervisionado, necessária para a conclusão da licenciatura plena em filosofia. Para trilhar esse percurso educativo, contei com duas inspirações teóricas, uma na contra-história da filosofia, do filósofo hedonista Michel Onfray e outra na antropofagia cultural brasileira, do filósofo original brasileiro, Oswald de Andrade. As aulas consistiam num convite aberto à experimentação de se pensar o corpo e seus desdobramentos teóricos e, sobretudo, práticos na vida de cada aluno. Partindo de uma provocação (tupinambá-)nietzschiana de que toda história da filosofia é prova de "uma má compreensão do corpo", me detive em um recorte filosófico que não se constitui contra o corpo, a despeito dele ou sem ele, mas com ele. Evidenciando que mesmo em Espinosa, ou depois Gilles Deleuze, e Nietzsche entre os dois, a questão: o que pode o corpo? ainda não foi verdadeiramente explorada. Para essa aventura, Epicuro, Nietzsche, Bataille e Foucault fizeram parte do cardápio dos nossos encontros, suas teorias serviram de ingredientes para debates e discussões em vista da construção filosófica de uma estética de si. Desse modo as aulas colocaram em questão como cada pensador elaborou um pensamento crítico sobre o corpo e o seu domínio, através dos desejos, afetos, potências, experiências interiores ou uso dos prazeres e cuidado de si. Na esteira da pedagogia do conceito, sustento uma proposta de ensino para a produção da criatividade e invenção subjetiva do aluno: a) Metodologicamente, as aulas seriam planejadas para serem espaços heterotópicos para a irrupção do pensamento e da subjetividade do aluno em toda sua sensibilidade com a problemática filosófica. Como as intervenções do artista ambiental brasileiro Hélio Oiticica, tudo que está no mundo pode ser objeto da aula - este enorme parangolé - essa instalação do imprevisível que convoca o aluno a ser participador ativo e não mero espectador; b) Didaticamente, a antropofagia, considerada como um ato natural e instintivo de devorar o outro ou como ponto de partida que inspirou a ideia de devoração cultural no movimento da Arte Moderna brasileira adentra na minha reflexão como uma noção teórica experimental que pensa a filosofia como uma "atitude do corpo que devora o outro e o mundo, que processa e transforma o processado, criando novos sentidos, outras possibilidades de reinventar e transformar o mundo, o outro e a si mesmo."

Palavras-chave: Ensino da Filosofia, Corpo, Antropofagia.